A PRODUÇÃO TEXTUAL NA SALA DE AULA E SEUS PROPÓSITOS COMUNICATIVOS E DISCURSIVOS

Renata Herwig de Moraes Souza
(Universidade Federal de Goiás/ UFG e Universidade Estadual de Goiás/ UEG)

Luzia Rodrigues da Silva
(Universidade Federal de Goiás/UFG)

RESUMO: O principal objetivo desse artigo é apresentar conceitos, visões e apontamentos de estudiosos quanto às práticas de ensino de Língua Portuguesa propagadas na atualidade, deixando evidente a maneira pela qual a língua é entendida e reconhecida enquanto prática social, bem como a relevância do trabalho com gêneros textuais na escola para o reconhecimento da língua em condições reais de uso. Assim, o estudo parte do pressuposto que é nas relações de uso da língua que se materializam os gêneros, evidenciando a maneira pela qual as práticas de linguagem se dão nos gêneros textuais e de que forma as capacidades de linguagem podem ser construídas na escola. A metodologia centra-se na pesquisa bibliográfica, tendo como base teórica os trabalhos de Antunes (2003), Bakhtin (1995), Shneuwly e Dolz (2004), nos pré-requisitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), dentre outros pesquisadores e documentos dessa área de conhecimento. Por meio dessas discussões, fica evidente a relevância do trabalho com gêneros textuais na escola como uma forma de perceber a língua em condições de uso, fugindo de aulas que exploram apenas os aspectos estruturais do gênero, aulas que precisam ser permeadas de práticas e atividades de linguagem que possibilitem ao educando a percepção do contexto de produção e circulação da língua nas diversas representações comunicativas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Escola. Sala de aula.

ABSTRACT: The main objective of this article is to present concepts, visions and notes of scholars about the Portuguese language teaching practices propagated in the present time, making clear the way in which language is understood and recognized as social practice, as well as the relevance of work with genres texts in the school for the recognition of the language under real conditions of use. Thus, the study starts from the assumption that it is in the relations of use of the language that materialize the genders, evidencing the way in which the language practices are given in the textual genres and in what way the language capacities can be constructed in the school. The methodology focuses on bibliographic research, based on the theoretical work of Antunes (2003), Bakhtin (1995), Shneuwly and Dolz (2004), the prerequisites of the *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998), among other researchers and documents of this area of knowledge. Therefore these discussions, it is evident the relevance of working with textual genres in the school as a way of perceiving the language under conditions of use, avoiding classes that explore only the structural aspects of the genre, classes that need to be permeated by practices and activities of Language that enable the learner to perceive the context of language production and circulation in a lot of communicative representations.

KEYWORDS: Gender. School. Classroom.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesse artigo, propomos apresentar uma breve discussão quanto às práticas de linguagem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa, pontuando a verdadeira natureza das atividades linguagem propagadas na escola.

A hipótese aqui desenvolvida parte do pressuposto que é nas relações de uso da língua que se materializam os gêneros, em que defendemos a ideia de quanto mais for ensinada as dimensões da língua, os alunos apropriam dela como instrumento de comunicação. Para tal, surgem alguns questionamentos: Como funcionam as práticas de linguagem a partir o ensino de gêneros textuais? De que forma as capacidades de linguagem podem ser construídas na escola?

Consideramos como ponto para esse estudo tais questionamentos, tendo como foco apresentar um breve panorama sobre o ensino de português a partir da perspectiva interacionista e discursiva da língua, pontuando algumas discussões sobre o trabalho com a produção textual nas aulas de português.

Além de desenvolver a ideia de que o gênero no contexto de sala de aula pode ser usado como uma forma de articular as práticas sociais com os objetos escolares, especificadamente quanto ao trabalho com textos orais e escritos, mencionando alguns dos princípios presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) quanto ao uso dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem de língua.

2. As práticas de linguagem na sala de aula de Língua Portuguesa

É relevante ressaltar que as práticas de escrita aplicadas em instituições de ensino do país têm centrado em atividades que não despertam o interesse dos educandos em produzir textos. Sendo assim, a Educação Básica é permeada de exercícios que não desenvolvem proficiências quanto à escrita. Mediante esse contexto, o presente tópico apresenta uma discussão a cerca do trabalho com as práticas de produção textual na escola, bem como visões e apontamentos de estudiosos dessa área quanto à relevância de promover atividades ancoradas na perspectiva discursiva e interacionista, focando em práticas de linguagem como

sendo manifestações reais de uso individual e coletivo, envolvendo aspectos cognitivos e linguísticos.

Perante esse processo de ensino/aprendizagem de produção de texto, saber redigir um texto implica ter claro os objetivos e o propósito comunicativo que almeja alcançar. Essa habilidade quando adquirida durante o processo de escolarização dá autonomia ao educando, criando possibilidades de criação e produção textual, tornando o aluno em um escritor consciente, critico e reflexivo quanto sua própria escrita. Ao contrário disso, as práticas de escrita servem apenas para o educando tirar notas e não para o aprimoramento de habilidades, tornando as aulas de produção mera reprodutoras de escrita, sem nexo e finalidade.

De acordo com Antunes (2003) as atividades de linguagem desenvolvidas na escola revelam a persistência de uma postura pedagógica centrada nos modelos reducionistas da língua, tendo como foco o estudo da frase solta e descontextualizada. Com isso, fica reduzida a compreensão do aluno quanto ao verdadeiro entendimento da língua enquanto sistema de uso, para fins sociais e comunicativos.

Em meio a esse cenário, permanece na escola essa sensação de incapacidade, em que os educandos têm a falsa sensação de que não sabem português, sem dúvida, é evidente que essa percepção ocorre devido à realização de atividades em sala de aula que exploram apenas os aspectos estruturais da língua, fora do contexto de uso, provocando nos alunos a impressão de que são linguisticamente deficientes, por não dominar os padrões da língua.

É principalmente ligada a esses aspectos que pretendemos provocar algumas reflexões sobre as práticas de linguagem difundidas em salas de aula de Língua Portuguesa, tomando como ponto para essa discussão a dimensão interacional e discursiva da língua, nos quais os conteúdos dessa área de conhecimento devem centrar-se no uso da língua oral e escrita, bem como da reflexão dos usos.

Para Antunes (2003) no que se refere às atividades de leitura, ainda se pode constatar um processo de aquisição da escrita que ignora a interferência interlocutiva do sujeito no processo de verificação das hipóteses, além de atividades centradas nos aspectos periféricos da língua, ou seja, em questões ortográficas e gramaticais, e, uma escrita cujo foco é a produção de frases soltas, sem propósito comunicativo e função.

A complexidade do processo de ensinar questões que envolvem a língua requer que o professor assuma uma postura crítica e reflexiva quanto às práticas pedagógicas desenvolvidas no contexto escolar, tendo a clareza de qual concepção de linguagem norteia

sua práxis educativa. O fato de ter clareza dessa concepção amplia as competências comunicativas dos educandos, trazendo para sala de aula resultados positivos e gratificantes.

> [...] *é a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua*, da qual deriva o princípio geral de que *a língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos* (ANTUNES, 2003, p.42, grifos da autora).

Conforme supracitado na citação, se considerarmos a linguagem em suas funções de interação, desenvolvemos em sala de aula práticas que levam o aluno a perceber que o texto é uma atividade discursiva, passando a escrita a ser vista pelos educandos como uma atividade interativa, discursiva e dialógica.

Ao pensarmos em atividades enquanto prática discursiva, reiteramos o pensamento bakhtiniano, no que tange a manifestação das atividades comunicativas. Para ele esse processo comporta "[...] o conteúdo (interior) e sua objetivação exterior para outrem (ou também para si mesmo)" (1995, p.97). Com esse viés ideológico, as atividades de linguagem possibilitam a relação do sujeito com o meio, tendo como foco a comunicação entre os sujeitos envolvidos no discurso, na qual o locutor perceba em práticas reais sua aplicação e funcionamento.

De acordo com Shneuwly e Dolz (2004, p.63) "[...] uma ação de linguagem consiste em produzir, compreender, interpretar e/ou memorizar um conjunto organizado de enunciados orais e escritos (um texto, no sentido geral que nós damos a esse termo como unidade linguística)". No qual o sujeito leve em consideração às diferenças entre as atividades orais e escritas, ou seja, toda ação de linguagem envolve o entendimento do locutor em perceber e mobilizar suas capacidades linguístico-discursivas. Acreditamos que a abertura desse universo possibilita ao educando a percepção das regularidades da língua e as estratégias de uso enquanto prática social.

Se nas aulas de Língua Portuguesa o professor reconhece as atividades aplicadas enquanto prática interativa, os alunos envolvem mais nesse processo, em que "ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever" (ANTUNES, 2003, p.45). A referida autora ainda pontua que as abstrações do conhecimento durante as atividades reais de uso da língua são de acordo com cada evento linguístico.

Nesse estudo, interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva, que envolve um conjunto de elementos ligados à forma e ao contexto de interlocução. Isso significa que admitimos que esse processo não se dê de forma aleatória, remete-se as

condições em que o discurso é produzido. Antunes (2003, p.46) ressalta ainda que "[...] quem escreve, na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa. Essa outra pessoa é a medida, é o parâmetro das decisões que devemos tomar acerca do que dizer, do quanto dizer e de como fazê-lo". Assim, fica clara a necessidade de explorar em sala de aula a visão interacionista da linguagem, no qual o aluno perceba que as atividades de escrita sem a presença do leitor é uma atividade sem finalidade e sem referência.

A complexidade como esse processo se dá nas salas de aula remete a questão de que a falta de planejamento gera insatisfação entre alunos e professores, pois o ato da escrita requer preparação, elaboração e reescrita.

A partir desse aspecto, entendemos que o ato de planejar auxilia o aluno a organizar suas ideias e propósitos comunicativos, sendo entendido como uma ação a fim de nortear e prever a realização de metas traçadas. Segundo Menegolla e Sant'Anna, (2001, p.15) o ato de planejar "[...] é uma realidade que acompanhou a trajetória histórica da humanidade. O homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo na sua vida". Desse modo, conclui-se que o planejamento funciona como uma base de orientação que auxilia a realização do que o professor almeja em sala de aula, estabelecendo uma relação pedagógica que propicia a interação professor, aluno e objeto ensinado, em que o aluno é visto como sujeito ativo perante a construção de seu conhecimento, capaz de produzir textos a partir do momento em que se percebe enquanto sujeito de sua própria linguagem.

Como se vê as atividades de linguagem não possibilita aos alunos a oportunidade de rever seus textos, elas normalmente são improvisadas e sem objetivos bem definidos, ou seja, requer planejamento. Para Antunes (2003) o trabalho do professor requer clareza dos usos, formas e objetivos de uso da língua, na qual o discente perceba por meio das práticas orais e escritas da língua como a mesma se organiza, percebendo desde os aspectos superficiais até os mais profundos presentes no texto.

3. A visão de gêneros textuais na escola: situações reais de uso

Partimos da ideia de entender como se dá as práticas de linguagem em suas diferentes formas, tendo a hipótese de que as mesmas se materializam nas atividades dos educandos, ou seja, se dão por meio dos gêneros textuais, em produções orais e escritas

praticadas em situações reais de uso da língua. Para Bakhtin (1995) os gêneros podem ser considerados como instrumentos de comunicação, são vistos por ele como formas estáveis permeadas de enunciados, sendo que o aprendiz ao perceber como se dá os eventos comunicativos no texto, passa a ter domínio das regularidades presentes nas formas textuais. Com esse ponto de vista, salientamos a relevância dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) ao ensino de gêneros, justamente por ter como parâmetro o ensino focado em práticas textuais e discursivas, oportunizando ao aluno o reconhecimento da língua em condições de uso.

A partir desse propósito, destacamos que a aprendizagem de linguagem se dá por meio de atividades de linguagem, em que o gênero fornece subsídios para a compreensão da língua em uso, ou seja, em situações comunicativas, sendo usado em sala de aula na atualidade como suporte para o ensino de português.

Ao se deparar com isso, faz-se necessário retomar o papel da escola por ser um espaço autêntico de comunicação, onde ocorrem diferentes situações de produção e recepção de textos, podendo ser a escola transformada em verdadeiros espaços de produção textual. Assim, esse estudo percebe a escola enquanto espaço de comunicação, onde surge à possibilidade de criação de novos gêneros, por ser um contexto de uso da linguagem, entendendo-a como uma entidade viva e dinâmica.

A escola a reconhecer essa dimensão, segundo a visão de Shneuwly e Dolz vê a situação comunicativa "[...] como geradora quase automática do gênero, que não é descrito, nem ensinado, mas aprendido pela prática de linguagem escolar, por meio dos parâmetros próprios à situação e das interações com os outros" (2004, p.67). Trata-se, portanto, de entender como se dá o surgimento do gênero a partir do contexto de uso, sendo visto pelos referidos estudiosos como um instrumento que os alunos utilizam para reinventar novas formas linguísticas, ou seja, tornando a escrita em um hábito natural e consciente.

A perspectiva até aqui assumida, parte das concepções bakhtinianas de gêneros discursivos, justamente pelo diálogo com as teorias do texto e com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) quanto à questão dos gêneros a partir da maneira como o referido documento concebe a língua e linguagem.

> Linguagem [...] como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da história (p.20).
> Língua é um sistema específico, histórico e social, que possibilita ao homem significar o mundo e a sociedade. Aprendê-la é aprender não somente as

> palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas aprender pragmaticamente os seus significados e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (BRASIL, 1998, p.20).

Com base nessas concepções, interagir pela linguagem significa expressar sentimentos, ideias e intenções. Essa ação comunicativa se dá por ver a linguagem como um ato individual e coletivo que requer do locutor a combinação de expressões em prol do ato comunicativo. Isso significa realizar uma atividade discursiva que, se organiza a partir de situações de uso, do "eu" com "outro", a partir de finalidades e objetivos do locutor, determinando com essa prática a escolha do gênero. Nesse sentido, a noção de gênero propagada pelo PCN refere-se: "[...] a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado" (BRASIL, 1998, p.22). Com essa definição, percebermos que a noção de gênero preconizada no documento remete ao pensamento bakhtiniano, porque o autor define a passagem dos estilos como produtores de discursos, dando a oportunidade o leitor notar como se dá a propagação dos gêneros em outras atividades comunicativas.

> A passagem do estilo de um gênero para outro não só modifica o som do estilo nas condições do gênero que lhe é próprio como destrói ou renova tal gênero. Desse modo, tanto os estilos individuais quanto os da língua satisfazem aos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2011, p.268).

O que se constata perante o pensamento de Bakhtin (2011) que os gêneros do discurso são estabelecidos pelas diferentes atividades de uso da língua, em que os usos de dão por meio de enunciados orais e escritos. Seu pensamento é um contrato direto com a sala de aula, pois dá a possibilidade de o professor construir uma prática pedagógica dialógica. No que se refere ao trabalho com os gêneros discursivos é necessário reconhecer que toda variação que ocorre no gênero escolar tem uma de origem, sendo importante que os alunos percebam essas variedades, refletindo sobre as diversas manifestações que se dão na linguagem.

Assim, fica evidente que a materialização das teorias de Bakhtin e dos Parâmetros Curriculares Nacionais está ligada ao texto, sendo esse o objeto desse estudo do texto na escola, apontando as visões dos teóricos ligados a essa área de conhecimento e a atuação da escola perante as práticas de linguagem, fazendo com que perceba a língua em sua totalidade, desde os aspectos estruturais e os propósitos comunicativos. As reflexões supracitas serviram

para notar as diferentes maneiras em que a língua é concebida, por meio das relações humanas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pretensão nesse estudo é apenas apresentar o pensamento de Bakhtin quanto à concepção dialógica da linguagem, pontuando que as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) podem ser produtivas e coerentes na escola.

Além disso, observamos nessa pesquisa que a intensão do referido documento, está ligada aos benefícios da apropriação da leitura e da escrita como uma possibilidade efetiva de construção, análise e reflexão sobre os usos da língua. Acreditamos que para o desenvolvimento de capacidades de linguagem escrita é necessário um efetivo trabalho que promova a formação de um leitor-escritor, focando nos eixos de *uso* e *reflexão* sobre a língua e linguagem, preconizadas nos parâmetros.

A nosso ver as dificuldades discutidas estão ligadas aos diferentes conceitos, concepções de texto e gêneros explorados em sala de aula, gerando assim uma insatisfação entre alunos e professores.

Com isso, o papel da escola é promover o domínio dos diferentes gêneros textuais, fazendo o aluno notar os diferentes espaços que são construídos a partir do que se fala e escreve. Assim, o entendimento dos gêneros discursivos propicia aos educandos a inter-relação dos mesmos com o contexto de produção e circulação.

Outra questão apontada é em relação a investigar a linguagem enquanto gênero, sua relação dialética entre texto e contexto, em que as interpretações dos professores na escola precisam entender o texto enquanto linguagem e o contexto enquanto sociedade. Para tal postura, é necessária a elaboração sistematizada de atividades discursivas associadas às práticas específicas de uso da língua. Nesse sentido, a materialidade com que os textos são produzidos não só representa as atividades sociais dos gêneros, mas as instâncias em que eles são produzidos.

Quanto ao papel da escola discutido nesse texto, reforçamos a ideia que falta aos alunos o entendimento de como a linguagem promove ou impede a inserção social, sendo a sala de aula um espaço para analisar, criticar e avaliar as várias instâncias de relações humanas em que a língua se materializa.

Somente a prática pedagógica pode contribuir para o desenvolvimento da consciência crítica dos alunos, fazendo perceber os aspectos contextuais e textuais do uso da linguagem em que os gêneros são produzidos.

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé. *Aula de português:* encontro e interação**.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem:* problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. 9. Ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____, Mikhail. *Estética da criação verbal.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BRASIL (Parâmetros Curriculares Nacionais) *Terceiro e Quarto ciclos de Ensino Fundamental:* Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental-Brasília MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEWLY, Bernard. *Gêneros orais e escritos.* Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas. Mercado das Letras, 2004.

MENEGOLLA, Maximiliano. SANT‟ANNA, Ilza Martins. *Por que planejar?* Como planejar? 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.